

ANC X

**JORNAL DO BRASIL**

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREIA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente***Mar Grosso** ANC P 10

Faltava apenas definir com palavras apropriadas a situação brasileira. O senador José Richa ponderou todos os aspectos do momento nacional e assumiu a iniciativa de propor a suspensão dos trabalhos constituintes durante 30 dias, a fim de que as correntes políticas possam encontrar uma solução para o impasse à vista. Ninguém apresentou nada mais viável. A receptividade, no entanto, foi nenhuma.

O presidente do PMDB contrapropôs à argumentação do vice-presidente o aumento de velocidade dos trabalhos constituintes como solução. É paliativo, não solução. E se a crise correr mais depressa? Afinal, a Constituinte é o nó do problema. Os partidos não mostraram capacidade de processar soluções políticas em termos constitucionais. As lideranças não conduzem as bancadas. O impasse se tornou mais visível exatamente na Constituinte, que se instalou a primeiro de fevereiro, e a primeiro de julho ainda não apresenta o produto orgânico do seu trabalho.

Tudo que já devia estar se definindo, em grau de anteprojeto, continua longe de ter uma forma que seja reconhecível como democrática. Não se trata de compatibilizar, mas de optar. A Constituinte conseguiu chegar ao impasse, mas não demonstra a menor capacidade de sair dele por suas próprias forças.

Quando um ex-governador de Estado, eleito senador do maior partido brasileiro, onde exerce as funções de vice-presidente, admite publicamente que o Brasil atravessa período mais caótico do que o começo de 1964, não basta a maior velocidade nos trabalhos da Constituinte como solução, nem alegar que a avaliação política está exagerada. *Alguém, no PMDB ou no PFL, pode refutar as palavras do senador José Richa? Se houver, que se apresente com os argumentos que convertam os ingredientes da crise em sinais de saúde política e normalidade institucional.*

“Virou uma desordem, um caos político este país. Ninguém é capaz de se entender”, afirma o senador. Não é uma generalização, mas a conclusão a partir de fatos apontados por ele: a situação “está se agravando dia a dia”, e, se continuar assim, Richa prevê a implosão da Constituinte, ou então seu trabalho final será de qualidade inferior, porque o limite de tempo sacrifica o conteúdo ao prazo.

Como equacionar uma saída para o impasse que já se instalou nos trabalhos da Constituinte? Não há partidos políticos e deixou de existir a Aliança Democrática a que se apegava o Presidente da República. O PMDB e o PFL, juntos ou separadamente, estão em crise. Tornaram-se incapazes de operar harmonicamente, porque não vinculam a sua sobrevivência à sobrevivência do governo. O senador José Richa leva mais longe o seu exame da questão: nenhum dos dois consegue reunir um grupo razoável para fazer qualquer proposta. Toda idéia suscita uma divergência. Todos se opõem a tudo. É o quadro geral.

“Falta consciência da gravidade da crise que estamos vivendo” — diz o senador Richa. O pior é

que se comprova a exatidão das suas palavras nas reações que recusam a fórmula da suspensão dos trabalhos constituintes para a dedicação exclusiva, em tempo integral, ao exame da crise política. Cada dia perdido aumenta na sociedade o sentimento de um risco indefinido que se aproxima sem oferecer também uma solução. O governo — diz Richa — também tem a sua culpa na situação, pois não se calça com os partidos antes de tomar decisões. O resultado é que fica sem apoio e acaba submetido a forças contrárias que lhe anulam a vontade. Em consequência, o PMDB e o PFL perderam toda preocupação em prover a sustentação do governo. Esse desentrosamento aumenta perigosamente a taxa de risco político, porque — como conclui Richa — “todos estamos no mesmo barco”, em pleno *mar grosso*.

Crise política é problema que não se resolve por decurso de prazo ou por obra e graça da inércia. Em fases de transição de regime, crises políticas agravam-se depressa com a demora de enfrentá-las. É o que melhor se vê através da Constituinte, que se tornou transparente pelas contradições evidenciadas na ausência de um anteprojeto.

A situação não se circunscreve, porém, ao âmbito da Constituinte e dos partidos. Ao contrário, tende a expandir-se com a interferência das dificuldades econômicas que foram subtraídas ao conhecimento dos eleitores. Os brasileiros votaram enganados pelas aparências. Quando começou a apuração, foram agraciados com uma verdade que lhes deixou a amarga certeza de terem sido enganados. A Constituinte confirmou a decepção: de entre os eleitos emergiram vozes radicais, com um sotaque de esquerda que não foi ouvido na campanha. É tudo muito estranho.

Os cidadãos estão apreensivos com os constituintes, com o próprio governo e com os seus desencontrados sentimentos. A maioria demonstra apenas perplexidade, que precede decisões. Como será, portanto, a reação dos que não decidiram ainda o que vão fazer? É preciso distinguir entre a legítima reação coletiva e a exploração de um sentimento explosivo — como se registrou no Rio. Quando a maioria se sente insegura e não tem partidos dignos de confiança, nem acredita numa Constituinte que se perdeu em amorismo, torna-se presa fácil de demagogos e aventureiros. Demagogos e aventureiros de todos os matizes estão à espreita.

Os riscos tendem a aumentar à medida que demora a grande solução política que os partidos se recusam a considerar em conjunto, e que a Constituinte descarta por narcisismo a que se deu o inadequado nome de soberania. A solução terá que oferecer a garantia de desarmamento dos espíritos e de desarmar prevenções políticas e ideológicas. Sem uma atmosfera política e social limpa, o debate se poluirá com preconceitos e os cidadãos se envenenarão com as ideologias que nunca fizeram, de país algum, uma democracia capaz de durar mais do que o tempo necessário para liquidar-se.